

A Ordem do Grifo



SALAMANDRA

Glaucio Rocha

A Ordem do Grifo

LIVRO UM: SALAMANDRA

Glauco Rocha
2018

Registro na Biblioteca Nacional: 769142

Dedico esta obra à minha filha Helena.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: UM CONVITE PARA DANÇAR	3
CAPÍTULO 2: O OLHAR DA MEDUSA.....	21
CAPÍTULO 3: ESSÊNCIA DE ÉTER	37
CAPÍTULO 4: DEUS EX MACHINA.....	55
CAPÍTULO 5: A NOITE É UMA CRIANÇA.....	73
CAPÍTULO 6: DESCENDO PELA TOCA DO COELHO.....	83
CAPÍTULO 7: ENTROPIA LÍRICA.....	115
CAPÍTULO 8: REQUIEM	127
INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR.....	147

1. Um Convite para Dançar

"O tolo aprende à sua própria custa, o sábio, à custa do tolo", pensava Victor. Seu pai costumava dizer isso a ele quando falava de suas próprias desventuras da juventude. Esta foi a frase que lhe veio à mente quando se deparou com Paulo, seu grande amigo, em uma cama no hospital, "enfaixado como uma múmia". Paulo arduamente tentava sorrir, ignorando a dor, na esperança de diminuir a tensão no ambiente. Seu pai tentava ajeitar confortavelmente o travesseiro do filho, percebendo o incômodo que sua expressão facial forçosa tentava esconder. Victor desejava dar um breve oi e sair daquela sala o mais rápido possível.

— Como você está? — perguntou Victor.

— Tudo bem, apesar das dores — disse Paulo, remexendo-se na cama.

— Você realmente tem muita sorte de estar vivo.

— Sim... E ainda bem que ninguém mais além de mim se machucou.

Apesar de aparentar estar conformado com sua situação, Victor percebia um certo amargor nas palavras do amigo.

— É mesmo. Sempre consideramos as estatísticas uma besteira até virarmos parte delas — disse Victor.

— Pode ter certeza que nunca mais faço isso. Beber tanto e sair dirigindo foi estupidez. Poderia ter matado a mim e mais alguém, mas, por sorte, a rua estava deserta quando estava passando. Fiquei sabendo que o muro em que bati e o meu carro ficaram totalmente destruídos — disse ele, desanimado.

Este evento pôde descrever como fora a vida inteira de Paulo até então. Rapaz inteligente, porém inconsequente. Passou a juventude inteira a fazer besteiras, como se a vida fosse monótona demais sem o fator risco. Um típico rebelde sem causa. Era tachado como louco até mesmo pelas pessoas mais imprudentes com quem casualmente se envolvia. Embora viesse de uma família de classe média tradicional da cidade, comportava-se como um sujeito que não tinha nada a perder. Este fato era, em diversas ocasiões, motivo de discussões entre ele e seus familiares, pois esse comportamento não refletia a boa criação que teve. Ademais, nenhum parente conhecido partilhava desta leviandade de espírito. Quando Victor o conheceu na faculdade, jamais imaginou que viria a tê-lo como um grande amigo, porém um grande senso de camaradagem e uma jovialidade a florada na personalidade de Paulo fortificava os liames desta amizade, conquanto apresentasse uma gritante distinção no modo de ser.

Victor Álvares de Assis, por sua vez, era um rapaz mais comedido. Tinha vinte anos, cabelos e olhos castanhos escuros e um metro e setenta e nove de altura. Nascido na cidade de São Paulo e ainda residindo lá, vivia a vida como achava que ela devia ser vivida: Apaixonadamente prudente. Não possuía vícios, era sensato e pouco preocupado com luxúrias e vaidades, e isso não se devia apenas à sua modesta situação financeira, e sim à sua própria natureza de ser. Era calmo na maior parte do tempo e gostava de divertir-se de vez em quando, sem extravasar; característica esta que era muito apreciada pela família e por sua namorada, Carolina. Estudava o curso superior de Direito e estagiava na mesma área, em um escritório de advocacia no centro da cidade. Era um jovem focado na disciplina e aspirava construir uma sólida carreira, como muitos outros estudantes desta complexa ciência humana. Vinha de uma família simples e possuía uma mãe que desejava, acima de tudo, um sucesso duradouro na vida de seus filhos, levando-a a educá-los da maneira mais digna e afetuosa possível.

— Ei Victor, o médico disse que após receber alta, e depois de algum tempo de fisioterapia, vou poder andar normalmente — disse Paulo, animando-se.

— Que legal ouvir isso. Espero que receba alta em breve, já que estou sem meu maior freguês no futebol online — brincou Victor. — Quer que eu traga seu videogame pra você treinar um pouco?

— Ah, veremos. O saldo de vitórias está positivo para mim, pelo que me lembro — retrucou Paulo.

— Você bateu a cabeça também? De onde tirou isso? Você perdeu até para o seu irmão de quatorze anos.

— Sorte de principiante daquele moleque. Três pênaltis para ele na mesma partida... Nunca mais na vida acontece aquilo. Só encostava no jogador dele e o juiz já dava falta.

Após uma longa conversa bem humorada, ele se despediu de Paulo e de seu pai, que acompanhava pacientemente o filho hospitalizado. Havia perdido a hora e já estava escuro quando saiu do hospital. A conversa animada com seu amigo acabou por distraí-lo e fez com que ele prolongasse sua visita por um período maior do que esperava inicialmente. Paulo era um sujeito tão bem humorado que conseguia amenizar até as mais desconfortáveis situações, mesmo aquelas vindas do ambiente hospitalar que Victor tanto odiava, pois trazia-lhe à mente lembranças dolorosas que ele buscava enterrar. Seu próprio pai falecera em uma cama de hospital dois anos atrás, quando foi diagnosticado com câncer no pulmão. Apesar de parecer um pensamento cruel à primeira vista, o jovem e seus familiares ansiavam secretamente para que ele se livrasse do sofrimento e descansasse em paz. A visão do velho homem entubado e abatido em um leito de hospital causava tristeza mesmo entre os enfermeiros e médicos, que nada podiam fazer para remediar o trágico cenário protagonizado pelo câncer. A doença atormentou seu moribundo pai por quase quatro meses, até o dia em que o destino demonstrou misericórdia ao retirar-lhe o sofrimento, deixando a dor somente para os que ficaram.

Uma memória triste que aos poucos se desvanece, face às boas lembranças que teve com seu pai, aliadas à crença de que ele repousa agora em um lugar melhor, olhando pelos entes queridos. Os corações feridos pela perda tendem a curar-se no devido tempo, amparados pelo carinho e apoio de familiares e amigos. Victor ainda se sentia convalescente do mal-estar causado pela grande saudade, entretanto procurava viver saudavelmente um dia após o outro.

Ele dirigiu-se ao ponto de ônibus mais próximo e aguardou alguns instantes. Enquanto estava no ponto, sentiu uma aguda e repentina dor de cabeça e levou a mão direita à cabeça, fechando os olhos e franzindo a testa.

"Novamente esta maldita dor de cabeça", pensou Victor. "Incrível como nenhum analgésico surte efeito. Deve ser algo psicossomático, pois sempre tenho sonhos estranhos no mesmo dia em que sinto estas dores. Antigamente eram raras as ocasiões em que minha cabeça doía dessa forma, mas recentemente passaram a ser mais frequentes e mais fortes. Talvez eu deva tentar um médico."

Sentiu um estranho e molhado frescor na parte superior dos lábios e, ao passar a mão, percebeu que seu nariz sangrara um pouco. Retirou rapidamente um lenço do bolso e limpou os lábios rubros e a parte superior da boca. Uma senhora, que também esperava o ônibus, olhava atentamente para ele ao notar que não estava passando bem. Ela observou a situação por alguns instantes e, ao perceber que ele ainda estava agindo normalmente, desviou sua atenção para a rua.

Com certa frequência ele sentia essas dores de cabeça. Nunca havia batido a cabeça seriamente ou sofrido algum acidente ou trauma severo que a explicasse. Fazia segredo disso para sua mãe, mas já estava pensando em mudar de atitude, pois talvez fosse algo mais sério do que pensava.

Ao chegar em casa, Angela, a mãe de Victor, recepcionou-o com várias perguntas sobre seu amigo acidentado.

— Ele tá bem mãe. Foi só umas fraturas, eu acho. Nada de muito grave pelo que eu vi. Nunca vi um cara mais sortudo que ele — respondeu Victor, impaciente às perguntas de sua mãe.

Ele não gostava de comentar assuntos como este com Angela porque sabia que ela ficaria preocupada com companhias que o pudessem influenciar negativamente. Angela correntemente agia como uma mãe coruja, independentemente da idade dos filhos.

— Toma cuidado, Victor. Você poderia estar com ele na hora do acidente, menino — disse ela, agitando as duas mãos para cima e para baixo ao mesmo tempo.

— É claro que eu não iria andar de carro com o Paulo bêbado, mãe. — retorquiu Victor, em protesto, retirando-se da sala e indo direto para seu quarto.

Ele geralmente perdia o bom humor depois que sentia as tão incômodas dores de cabeça.

A família de Victor era composta por ele, sua mãe, seu irmão mais velho, e sua irmã mais nova. O irmão mais velho se chamava Wagner e possuía vinte e sete anos. Ele não ficava muito em casa, pois trabalhava bastante em uma oficina mecânica. Tinha o grande desejo de assumir todo o negócio em um futuro próximo, quando o seu patrão se aposentasse de vez. Seu velho chefe era quase um segundo pai e estava disposto a ensiná-lo a administrar a oficina, pois julgava Wagner um homem de ótimo caráter. Sua irmã mais nova se chamava Ana e possuía apenas dezesseis anos. A caçula da família era uma adolescente comum que gostava de festas, sair com amigos, mídias sociais, roupas e belos garotos, e também um gosto especial: Música. Não passava muito tempo sem escutar alguma melodia e gostava de ambientes com música, mesmo que fosse ela que a providenciasse com seu celular, cuja memória continha um vasto rol eclético de bandas e artistas diferentes. Em um passado não muito distante, essa mania musical lhe rendeu, inclusive, reclamações na escola em que estudava, levando Angela a discipliná-la veementemente com castigos restritivos. A mãe de Victor, por sua vez, era uma típica e humilde dona de casa e, como já mencionado, era bastante atenciosa com os filhos. Gostava de novelas e ia na missa sempre que podia, inclusive tentando levar seus filhos consigo. A casa em que viviam era relativamente modesta, pois, apesar de não ser tão grande, garantia um quarto separado para cada membro da família, além da sala, cozinha, banheiro e um quintal que também servia de garagem, na frente da casa. Apenas Wagner possuía um carro, o qual era mantido com muito zelo por ele, não deixando outra pessoa o dirigir. A casa estava localizada nos subúrbios de São Paulo, havendo uma boa distância até o centro da cidade. Todos eles viviam em relativa paz e harmonia, mesmo que ocasionais atritos ocorressem, pelos mais variados motivos.

Ao chegar em seu quarto bagunçado, Victor achou que uma limpeza se fazia necessária, e já que estava tarde para que fosse à faculdade, decidiu faltar a aula para organizar suas coisas. O cômodo não era espaçoso, mas era suficientemente amplo para que um jovem estudante mantivesse um padrão aconchegante. Além de móveis comuns a um quarto, como cama, escrivaninha, armário e alguns eletrônicos, incluindo um notebook, possuía também uma televisão com um videogame: sua principal fonte de distração e relaxamento. Todavia, cautela era necessária com este moderno hobbie, uma vez que era bastante viciante e nocivo ao seu tempo útil quando exagerava na dose.

Enquanto higienizava os móveis, ele pensava sobre sua vida. Planejava bastante o futuro, porém sentia que no final das contas ele estava a mercê do destino, achando que os fatos mais importantes da vida eram aqueles que aconteciam de forma inesperada e espontânea. "Se deseja contar uma piada a Deus, basta fazer planos precisos e acreditar que o futuro há de encaixar-se automaticamente no molde", filosofava Victor. Ouvia falar de pessoas que planejavam tudo nos mínimos detalhes e atingiam seus objetivos, contudo essa lógica parecia não pertencer totalmente ao seu mundo, embora caminhasse continuamente na direção que achava mais correta.

Mais tarde, naquela noite, tomou um banho e jantou tranquilamente, reunido com a família, como era de costume em todas as refeições. Assim que escovou seus dentes, foi para seu quarto e ficou navegando na internet. Distraiu-se no computador por mais tempo do que esperava e foi deitar-se tarde. "Preciso juntar uma grana e comprar um carro pra mim. Estou cansado de pegar ônibus e andar a pé", pensou ele antes de cair no sono.

Depois de uma noite turbulenta, com Victor remexendo-se na cama durante quase toda a madrugada, acordou pela manhã assustado.

— Mas que droga! — exclamou Victor para si mesmo enquanto olhava seu despertador. — Toda vez que tenho estes sonhos estranhos acordo atrasado para ir ao trabalho.

Realmente, tratava-se de um caso muito peculiar de distúrbio do sono. Ele sempre sonhava com coisas que não apresentavam um nexo claro nos dias em que sentia a estranha dor de cabeça que lhe causava um sangramento no nariz. Sonhou que estava de frente com duas grandes estátuas de pedra. A estátua da esquerda era a de um homem vestindo um chapéu alado e portando um bastão com duas serpentes entrelaçadas ao longo dele, além de um par de asas na parte superior do bastão e uma pequena esfera no topo. A estátua da direita era a de um homem com cabeça de fíbis, uma ave de pescoço longo e bico comprido, segurando uma cruz cuja extremidade superior era um laço fechado e oval em vez da característica haste reta para cima. Pairando no alto, acima das estátuas, estavam três coroas de ouro, e jogados ao chão, à frente de Victor, encontravam-se sete livros abertos. Ele aproximou-se, a fim de ler o conteúdo dos tomos, entretanto todo o sonho se desvaneceu lentamente até que ele acordasse de sobresalto. Ocasionalmente, Victor esquecia-se de alguns elementos dos sonhos, não guardando o que sonhava com muita precisão, todavia, já era de seu conhecimento que o conteúdo total de um sonho é sempre superior à memória que alguém tem do mesmo. Por ora, o jovem afobado estava mais preocupado em não perder seu ônibus. Ignorara completamente o despertador em seu sono atribulado, e agora pulava da cama, enquanto fazia cálculos imprecisos sobre os minutos que ainda dispunha para arrumar-se antes de ter de estar no ponto de ônibus.

— Que se dane o café da manhã! — disse ele, correndo para o banheiro.

Após um rápido banho, vestiu-se, escovou os dentes e penteou rapidamente seu desgrenhado cabelo. Pegou sua bolsa no quarto e saiu às pressas.

— Victor, senta e toma um café, menino! — repreendeu Angela, ao ver seu filho saindo tão apressadamente quanto sairia se a casa inteira estivesse em chamas.

— Não dá, vou perder o ônibus. Vou tomar café no escritório. Tchau — despediu-se, sem nem olhar para trás.

Era uma morna manhã de junho, e Victor agradecia aos céus pelo clima não estar demasiadamente frio. Só ao chegar ao ponto de ônibus, ele percebeu que não havia se atrasado tanto, conseguindo respirar um pouco antes de pegar o ônibus que costumeiramente o levava até seu trabalho. Durante o trajeto, observava as ruas com olhar melancólico e lembrava-se do sonho incomum que tivera, num esforço infrutífero de tentar desvendar seu significado. Assim que chegou no prédio em que trabalhava, ele tratou de tomar um copo de café rapidamente e ir ao escritório de seu chefe. Seu patrão era um homem ríspido e ranzinza que odiava atrasos. Senhor José Guimarães, era como o chamavam. Muitas pessoas sentiam-se intimidadas com sua aspereza, porém o jovem já tinha se aclimatado com sua falta de senso de humor e rigidez, pois sabia que era um homem idôneo e de bom coração por detrás daquela cara mal encarada. José possuía cinquenta anos e, apesar de "puxar a orelha" de Victor às vezes, apreciava seu trabalho e esforço, embora tivesse dificuldades em demonstrar. Victor era um estagiário naquele escritório de advocacia, cujo segmento era de Direito do Trabalho, e comprometia-se a redigir algumas petições e acompanhar o andamento de processos, dentre outras funções, sendo todas estas diligências de acordo com o seu nível de competência. Ele estava no segundo ano do curso superior de Direito e mal via a hora de formar-se para trabalhar efetivamente naquele ramo, embora tivesse certo medo do exame final aplicado pela OAB — Ordem dos Advogados do Brasil, cuja dificuldade em ser aprovado era bastante comentada pelos discentes e docentes nos corredores de sua faculdade. Por isso, tentava ser como seu patrão e dedicar-se de corpo e alma àquela burocrática profissão, tentando resistir ao máximo à tentação da procrastinação e desleixo, tanto no trabalho como nos estudos.

O dia correu rápido e, quando se deu conta, já havia almoçado e estava a caminho de casa. A vantagem de fazer um estágio era que, graças à jornada reduzida de trabalho, sobrava tempo para descansar e estudar antes de ir para a faculdade, à noite. Logo chegou em casa e, após um breve descanso, estudou direito tributário. Não era sua disciplina preferida, no entanto sua rotina de estudos e hábitos de leitura ensejavam um academicismo extremamente salutar que garantia notas excelentes em seu boletim. Mais tarde, tomou um vigoroso café e ao anoitecer pegou o transporte escolar que habitualmente o levava da porta de sua casa até sua faculdade. Encontrou sua namorada, Carolina — carinhosamente chamada de Carol por ele — na frente dos portões da faculdade, como normalmente faziam para se ver antes das aulas. Beijaram-se por longos instantes, porquanto não se viam há alguns dias. Seus peitos estavam apertados pela saudade.

— Estudou para o teste que você vai ter hoje? — perguntou Carolina.

— Que teste? — perguntou ele, aparentando surpresa.

— Não acredito que esqueceu... — disse ela, surpresa e já preparando uma bronca.

— Brincadeira, Carol — interrompeu Victor, rindo. — Estudei bastante durante toda a semana.

— Bobo. — disse ela, rindo da sua própria inocência ao perceber que caíra no blefe do namorado.

— Adoro ver esses olhinhos azuis arregalados — brincou ele. — Você abre bem os olhos quando é surpreendida.

— É que me preocupo demais com uns garotos bobos. Vou parar de me importar com você para não ter de fazer mais essas caretas — ironizou ela, com um leve sorriso.

— Mas um casal deve preocupar-se um com o outro. Desse jeito vou achar que você não me ama mais... — queixou-se Victor, entrando na brincadeira e abraçando-a próximo à cintura.

— Vai forçando a barra pra você ver...

Victor a entreolhou por alguns instantes, cerrando levemente os olhos de um jeito comicamente desconfiado, levando Carolina ao riso.

— Brincadeira, amor. Vou te amar pra sempre, seu bobo. Só queria que, dessa vez, você fizesse uma careta — disse ela, levando-os ao riso.

Carolina era uma garota muito bonita aos olhos de Victor. Destacava-se pelos longos cabelos negros e olhos azuis. Tinha vinte e um anos, um ano a mais que ele, e também cursava Direito, estando um semestre a sua frente. Era uma garota de personalidade forte, que beirava a teimosia muitas vezes, além de possuir uma certa acuidade intuitiva, característica de um empreendedor nato que enxerga oportunidades onde ninguém as vê, embora exalasse, simultaneamente, uma inocência no olhar e no espírito. Nunca fazia algo que realmente não quisesse fazer. Os dois conheceram-se em uma festa entre os alunos do curso. O pouco álcool que havia ingerido deu a Victor, na ocasião, a coragem para aproximar-se dela e conversar, há cerca de um ano. Ele estava levemente embriagado, sentindo-se um pouco mais confiante do que iria estar se se mantivesse inteiramente sóbrio. Ela, por sua vez, estava um pouco temerosa com os homens dali, pois sabia que muitos deles apenas sussurravam palavras doces para depois se aproveitarem de qualquer garota que se deixasse levar pelo momento. Contudo, para a felicidade de ambos, ela percebeu em Victor uma franqueza no falar que somente se manifesta nos verdadeiramente apaixonados, e percebeu assim que ele atendia às suas expectativas. Victor nunca foi bom em esconder seus sentimentos, e sua fala enrolada, rosto avermelhado e trejeitos estabanados oriundos de sua timidez ao aproximar-se dela na festa, demonstraram para Carolina que ele não costumava fazer aquilo muitas vezes. Com o tempo, ela foi percebendo que ele também vinha de uma boa família e possuía um ótimo caráter, chegando à conclusão de que um

relacionamento entre os dois seria baseado realmente em um amor genuíno e singelo. Na mente de Victor, este alegre acontecimento ilustrava perfeitamente seu já mencionado conceito filosófico: "Os acontecimentos mais importantes da vida sempre ocorrem ao acaso".

— Por que faltou ontem? — perguntou Carolina.

— Passei no hospital para ver o Paulo e voltei muito tarde para assistir às aulas. Daí aproveitei para organizar meu quarto e descansar um pouco da rotina.

— E como ele estava?

— Está bem, para um sujeito que avançou o sinal vermelho completamente bêbado. Ele não tem jeito mesmo, mas, pelo visto, não era a hora dele — respondeu Victor com um sorriso desconcertado.

— Como ele é sortudo. Muitos morrem por bem menos que isso. E olha que não é a primeira vez que ele dirige bêbado.

Ela não tinha um grande apreço por Paulo, porque repudiava seu comportamento e seu modo de vida, embora fizesse um esforço para, vez ou outra, trocar algumas palavras com ele, já que era um grande amigo de Victor.

— Verdade. E novamente tive aquela dor de cabeça — disse Victor, mudando o tópico da conversa ao perceber o despreço de sua namorada.

— Nossa, de novo? Você já havia tido esta dor de cabeça duas vezes na semana passada. O que será isso? — perguntou ela, preocupada.

— Não sei ainda. Pretendo me consultar com um profissional para descobrir. Estou achando que pode ser algo mais sério.

— É bom mesmo. Uma dor de cabeça dessas não pode ser normal — disse ela, pondo a mão na testa de Victor a fim de tentar medir a temperatura.

Apesar de confiar totalmente em sua namorada, ele não dizia nada a ela em relação aos sonhos bizarros. Achava que era algo estritamente pessoal, nunca tendo falado sobre esses sonhos a ninguém, até o momento. Não queria dramatizar o que achava ser um mero efeito colateral das dores, por mais estranhos que fossem esses sonhos. "Todos nós temos nossos segredos e acredito que é saudável mantê-los", pensava.

— Bem, vou indo para a aula — disse Carolina, beijando-o. — Nos vemos no intervalo.

— Até mais.

Ficou, então, parado onde estava por alguns instantes, admirando sua bela namorada adentrando o recinto e sumindo pelos corredores movimentados da faculdade, em meio à multidão.

Ao chegar em sua sala, Victor teve que responder inúmeras perguntas de seus colegas de classe sobre a situação de Paulo e sobre as circunstâncias do acidente. Uma garota chamada Fernanda era a que mais tinha curiosidade em saber sobre a saúde de seu amigo. Ela sentia certa atração por Paulo e, embora tentasse ao máximo não demonstrar, acabava denunciando-se inconscientemente para todos ao redor, sinalizando seu interesse de alguma forma. Tinha também um jeito meio inseguro de ser e por isso nunca teve coragem de declarar seus sentimentos para ele. Paulo era um cara considerado boa pinta, era alto e possuía cabelos escuros, com um topete chamativo, além de ter um corpo atlético, já que gostava bastante de malhar. Também era filho de pais ricos e assim gozava de um estilo de vida abastado e chamativo. Era muito comum ouvir-se comentários capciosos das outras garotas sobre ele, o que deixava Fernanda ainda mais insegura. Por fim, Paulo era desapegado com compromissos e gostava bastante da vida de solteiro. Victor, entre outros amigos dele, nunca o vira se envolvendo seriamente com uma garota ou demonstrando interesse em namorar alguém. Ficava com mulheres apenas por curtição e de modo discreto, já que não gostava de comentários invasivos sobre sua vida amorosa. Tudo isso, somado, desencorajava a temerosa e tímida Fernanda a investir em uma aproximação veemente, restando a ela nutrir um amor platônico pelo rapaz desprendido.

Durante o intervalo, Fernanda, que também era amiga de Carolina, veio conversar com ela e Victor, a fim de obter mais informações sobre Paulo. Carolina tentava, sempre que podia, dissuadir Fernanda de sua paixão pelo "pegador irresponsável", alegando que ele não era um rapaz sério e que ela merecia alguém melhor. No entanto, ignorando os conselhos, a moça apaixonada desconversava e tentava, em vão, camuflar seus reais interesses, dizendo que estava meramente curiosa.

Após o intervalo, Victor fez o teste de Direito Tributário com uma maestria advinda de horas e horas de estudos sobre a disciplina. Ao terminar a prova, encontrou-se novamente com sua amada na saída da faculdade. Após namorarem mais um pouco, ambos foram para suas casas em transportes escolares diferentes, haja vista que moravam em bairros distantes um do outro. Ao chegar em casa bastante cansado, Victor caiu na cama, dormindo profundamente logo depois de fechar os olhos. Um dia cheio estava por vir na manhã seguinte e somente uma mente bem descansada encararia eficientemente uma rotina puxada de trabalho e estudos.

Duas semanas passaram-se e o final do primeiro semestre letivo daquele ano havia chegado ao fim. Durante essas duas semanas, Victor teve alguns sonhos estranhos nos mesmos dias em que sentia aquela estranha dor de cabeça seguida de sangramento no nariz. Os sonhos, em todos os casos, não tinham um sentido claro, com certos detalhes fugindo da mente de Victor quando ele acordava pela manhã. O último sonho, ocorrido há quase uma semana, envolvia uma grande e verde floresta. Neste arvoredo, havia uma grande árvore de tronco marrom e com galhos altos terminados em folhas verdes. Em certo momento, uma coruja de penas marrons agitou-se em um galho próximo ao tronco. Ela estava totalmente camuflada até então, visto que a tonalidade de suas penas era idêntico ao marrom do tronco da árvore. Apenas quando ela se movimentou Victor percebeu a sua presença, tamanho era o nível de sua camuflagem. Em seguida, a coruja levantou voo e foi em direção à copa da árvore. Lá se encontrava um enorme lagarto verde, que também se camuflava muito bem entre as folhas verde-escuras, sendo, entretanto, prontamente avistado pelos olhos perspicazes da ave de rapina. O sonho acabava quando a coruja investia ferozmente contra o lagarto, enquanto este se pronunciava, abrindo sua bocarra em sinal de ameaça. O final inconcluso despertou ainda mais a curiosidade de Victor, tornando este o sonho mais interessante de todos, em sua opinião. Este último episódio onírico precedeu um hiato que se estendeu até o momento atual. Este intervalo fazia-o conjecturar, esperançosamente, sobre a possibilidade daquelas dores de cabeça e sonhos incomuns cessarem de vez.

No primeiro fim de semana das férias, em uma sexta-feira, Carolina e Victor foram ao cinema. Ela insistiu para que fossem ver um filme de comédia, e Victor, relutantemente, acabou consentindo, mesmo que desejasse ir em um movimentado clube, onde ele e outros jovens se reuniam para beber e dançar. Atualmente ele gostava de ir em ambientes mais animados que uma sala de cinema, ao contrário de sua namorada, que possuía preferências mais caseiras e menos agitadas. Destarte, era habitual que vez ou outra as vontades dela fossem de encontro às preferências de Victor. Nada obstante, toda vez que esse choque de desejos ocorria, um deles cedia à vontade do outro, tornando assim a relação amorosa mais saudável e mais democrática.

Na manhã do dia seguinte, Victor deparou-se com uma sinistra notícia no noticiário da televisão. Um jovem e notório vereador de São Paulo, chamado Luís Alcântara, fora assassinado à tiros em frente a sua residência na noite passada. Embora São Paulo tenha um nível de violência que as vezes atinge até as classes mais altas, essa morte era tida como incomum pelas autoridades. O homicídio de um membro da Câmara Municipal suscitava a dúvida de crime político entre a imprensa, porém ainda era cedo para a polícia tirar quaisquer conclusões. Ademais, o jovem vereador provinha de uma importante e rica família da cidade e era possível que sua morte não estivesse ligada necessariamente ao cargo que ocupava no momento. Latrocínio, tentativa de assalto, vingança, crime passional, dentre outros, eram também hipóteses cabíveis para explicar a motivação do assassinato. Por ser estudante de Direito, Victor interessava-se por política e lembrava-se bem deste vereador, membro de um partido político tradicional no país. Havia sobre ele, dentre outros políticos, uma investigação federal

sobre fraudes com empresas fantasmas que praticavam evasão de divisas e que também traziam dinheiro vindo do exterior para destinatários desconhecidos aqui no país. Após assistir brevemente à cobertura da imprensa sobre o estranho caso, o jovem, dispondo de tempo livre no sábado já que seu estágio era de segunda à sexta, decidiu visitar seu amigo Paulo, que tinha recebido alta e estava de repouso em casa. Victor não o via pessoalmente desde sua única e última visita ao hospital, tendo conversado com seu amigo só por telefone. A casa de Paulo não era tão longe, demorando cerca de trinta minutos de viagem de ônibus da casa de Victor até lá. Avisou sua mãe que iria visitar o amigo e que fora convidado para almoçar na casa dele, saindo rumo ao ponto de ônibus, em sequência.

Era uma manhã nublada, e Victor torcia para que não chovesse, enquanto se dirigia ao ponto para aguardar o ônibus. Durante o trajeto, olhando pela janela do ônibus, Victor avistou uma elegante moça que estava a tomar um café em um restaurante. Tinha estatura mediana, era magra, possuía longos cabelos vermelhos e vestia roupas de grife que destoavam do que ele costumava ver naquela região. Entreolharam-se por alguns longos segundos, em uma curiosa sincronia, até ela desviar o olhar para procurar algo dentro de sua pequena bolsa, dando a ele a impressão de que a distinta moça ficara incomodada com sua atenção, procurando disfarçar seu embaraço. Em São Paulo existem muitas belas garotas, mas aquela realmente chamou sua atenção. Para ele, a ruiva destacava-se naquele lugar de um modo inefável. Pensava no quão inseguro era para uma mulher andar pelos subúrbios com aquelas roupas caras, evidenciando-se entre todos e atraindo a cobiça alheia: um verdadeiro chamariz para assaltos e roubos, tão comuns na cidade, onde as vítimas, geralmente, são incautas e distraídas.

Quando Victor chegou no endereço de Paulo, encontrou a mãe de seu amigo conversando com alguém no portão. A elegante senhora, ao vê-lo, cumprimentou-o educadamente, como era de costume de sua família, e lhe disse que poderia ir entrando e que seu filho estava descansando na varanda. A casa era espaçosa e aconchegante, com muros altos em volta do terreno. A frente funcionava como uma garagem, com quatro vagas para carros. Passando a garagem, estava a entrada para a suntuosa moradia de vários cômodos, e mais a direita, na lateral do terreno, ficava um longo corredor que levava diretamente à varanda e aos fundos da casa. Após a varanda, o terreno era decaído e ficava em um nível abaixo do restante do terreno. Lá havia um jardim cultivado pela mãe de Paulo, cujo acesso dava-se por uma escada presente na varanda. No centro do jardim verdejante estava uma pequena fonte de água decorativa, concedendo um toque clássico e paisagístico ao local. Ao chegar na espaçosa varanda, ele viu Paulo sentado em uma confortável poltrona de descanso ao lado de um par de muletas, distraído com seu celular e não notando a presença de um discreto Victor.

— Há quanto tempo, hein! Da última vez que o vi você estava morrendo! — disse Victor, em voz alta.

Paulo deu um pulo de susto e, ao ver o amigo, começou a rir.

— É, e você estava chorando com medo de não me ver mais.

— Verdade. Eu esqueci de dizer que queria seu videogame caso morresse. Que bom que ainda dá tempo de você me incluir no testamento.

— Não vai rolar! — disse ele, rindo junto com Victor.

A amizade dos dois sempre foi marcada pelo bom humor, sem muita necessidade de polimentos e formalidades. Uma atitude típica entre os jovens.

— O médico me disse que não fiquei com nenhuma sequela grave e acho que em breve vou poder andar normalmente. Só preciso seguir com a fisioterapia e não abusar — disse Paulo, rejubilante.

— Que boa notícia — disse Victor, alegrando-se. — Qualquer coisa que precisar, é só chamar. Chego aqui num instante.

— E por falar nisso, você chegou na hora certa, Victor. Já estava indo para a copa, almoçar. Pensando bem, você chegou muito pontualmente, na horinha exata do almoço. Se eu não o conhecesse diria que veio até aqui apenas pra filar uma boia — disse Paulo, com seu costumeiro humor incisivo.

— Você acha que tenho vergonha de admitir que venho aqui só pra almoçar? Eu finjo que venho te visitar, mas na verdade só quero comer.

— Sinceridade é o que mais gosto em alguém — disse Paulo, rindo e pegando suas muletas.

Victor, cuidadosamente, ajudou-o a levantar-se da poltrona. Ele parecia andar com certa dificuldade, apoiado totalmente nas muletas e claudicando com sua perna esquerda. Não obstante, ele estava muito feliz por estar em casa e por voltar à rotina e ao cotidiano da vida em família, o que constituía uma grande ironia, pois fora justamente sua extrema insatisfação com seu dia a dia monótono que o fez meter-se em uma grande encrenca. A vida é realmente cheia destas intrincadas ironias que — felizmente ou infelizmente — passam despercebidas por todos, dada a incapacidade da mente humana de correlacionar todos os fatos a sua volta.

Almoçaram à mesa, junto dos dois, toda a família de Paulo, composta por seu irmão mais novo, seu pai e sua mãe. Saborearam de aperitivo um apetitoso carpaccio, que fez Victor lambear os dedos, e como refeição principal, comeram um suculento contrafilé marinado, de sabor bem realçado e uma carne macia, acompanhado de batatas e polenta. A família de Paulo tinha um bom gosto para a culinária e gostavam, especialmente, da gastronomia italiana. Após uma farta refeição, os dois amigos sentaram-se nos sofás da sala para descansarem um pouco. "Hora da sesta", como dizia Paulo.

Na televisão ainda era noticiada a trágica morte do vereador, enquanto destacava, cronologicamente, os marcos mais importantes de sua vida pessoal e